

GUIA DE AVES E PLANTAS

Quinta das Teresinhas



GUIA DE AVES E PLANTAS

Quinta das Teresinhas

Com o apoio e colaboração de

U LISBOA

UNIVERSIDADE
DE LISBOA

MUSEU NACIONAL DE HISTÓRIA
NATURAL E DA CIÊNCIA



Índice



02

Crescer e aprender num espaço-Quinta

João Gomes

04

História da Quinta das Teresinhas (ou da Boa Vista)

Teresa Valsassina Heitor

06

A importância dos espaços verdes no combate às alterações climáticas nas cidades

António Lopes

12

Enquadramento geológico da Quinta das Teresinhas

Mário Cachão

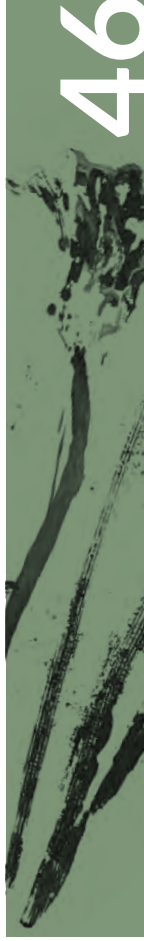
14

Guia das Aves



16

Guia das Plantas



46

Jardim de Palavras



184

Para consultar...



202

Crescer e aprender num espaço-Quinta

João Gomes *Diretor Pedagógico*

Num mundo em constante mutação, marcado por mudanças sociais, avanços tecnológicos e desafios ambientais, a escola encontra-se perante uma urgência: reinventar-se. Não basta preparar para exames ou despejar conteúdos em salas fechadas. O tempo exige mais. Exige uma escola que se afirme como um espaço vivo, estimulante, em sintonia com a realidade e com os ritmos do mundo. Um lugar onde o saber nasce do diálogo, da experimentação, da curiosidade e da relação com o outro e com o planeta.

Aprender não pode ser apenas memorizar. Aprender deve ser sinónimo de descobrir, experimentar, sentir, interpretar. Deve ser uma viagem que estimula o pensamento crítico, desperta a imaginação e convida a olhar para o mundo com olhos novos.

A escola deve assumir-se como um espaço onde se cruzam perguntas e hipóteses,

onde o erro é ponto de partida, e não de chegada. Um espaço onde o conhecimento não se impõe, mas constrói-se, com os pés na terra e os olhos no futuro.

É nesse espírito que surge a Quinta do Colégio Valsassina como protagonista de uma abordagem educativa transformadora. Situada no coração de Lisboa, esta Quinta é muito mais do que um espaço verde, é um laboratório de aprendizagem viva, um *Learning Garden*, onde se aprende fazendo, explorando, cuidando, errando, refazendo e empreendendo. Um lugar onde a natureza é mestre e o currículo ganha corpo, forma e vida.

Na Quinta, o conhecimento não é abstrato. Ele cresce entre árvores, floresce nos canteiros, respira o ar puro que atravessa os recantos deste refúgio. A ciência é observada no ciclo das plantas e na biodiversidade. A poesia ecoa nas sombras

em que se ouvem palavras e se expressam emoções. A matemática revela-se nas formas, nos padrões, nas estruturas. A arte nasce da sensibilidade diante da paisagem. O corpo move-se livremente, estimulado por espaços que convidam ao jogo, ao desporto, ao movimento.

A interdisciplinaridade acontece de forma orgânica: os saberes ligam-se e fazem sentido porque estão ligados ao mundo real. O currículo é visto como uma rede viva de relações, em que os/as alunos/as são protagonistas ativos/as e criadores/as do seu percurso.

Mas a Quinta é mais do que uma extensão da sala de aula. É um espaço de liberdade. Um lugar onde o corpo tem voz e movimento, onde é possível correr à chuva, apanhar sol nos recreios, subir às árvores, cair e levantar-se, sujar as mãos na terra. Um lugar onde se pode construir uma cabana, inventar um esconderijo, conversar sob as copas das árvores. Onde o tempo desacelera e se abre espaço para o inesperado, para o encontro, para o silêncio.

Numa sociedade urbanizada, acelerada e muitas vezes desligada da natureza, este contacto direto com o mundo natural é um bem precioso e necessário. Na Quinta, os/as

alunos/as aprendem a escutar o seu próprio ritmo, desenvolvem atenção, empatia, sentido de cuidado e responsabilidade. Tornam-se mais conscientes de si, dos outros e do planeta. Descobrem, na prática, que aprender é também um ato de cuidar.

Aqui, aprende-se com o corpo, com a emoção, com o coletivo. Criam-se memórias que deixam raízes, experiências que formam caráter, vivências que não se apagam. É neste espaço de descoberta, de liberdade e de pertença que se fortalecem os laços de amizade, se exercita a curiosidade e se cultiva o gosto pelo saber, pilares que definem a identidade do Colégio Valsassina.

A Quinta não é apenas um espaço físico. É uma forma de estar no mundo. Um antídoto contra o stress urbano, uma proposta de equilíbrio entre natureza e conhecimento, entre autonomia e comunidade. É um lugar onde se aprende a viver com os outros, com o planeta e consigo mesmo.

Mais do que nunca, precisamos de escolas que inspirem, que provoquem. Escolas que sejam jardins onde floresce o pensamento e se semeiam futuros. No Valsassina, acreditamos que esse futuro começa aqui, ao ar livre, entre raízes, folhas e sonhos.

História da Quinta das Teresinhas (ou da Boa Vista)

Teresa Valsassina Heitor Presidente do Conselho de Administração do Colégio Valsassina

A Quinta das Teresinhas localiza-se na atual freguesia de Marvila, numa zona que, durante os séculos XVIII e XIX, se caracterizava por um marcado perfil rural. O território era então composto por uma paisagem de quintas agrícolas, que funcionavam simultaneamente como centros de produção e como residências de veraneio para a elite lisboeta.

Segundo um relato coligido em 1948 por Gaudêncio de S. José Rodrigues da Cunha, a partir do livro de registo das escrituras notariais da Quinta das Teresinhas, iniciado em 1838, em que a propriedade surge também referida como Quinta da Boa Vista, revela-se um enraizamento que remonta ao século XVIII, evocando a memória de uma ocupação contínua e a relevância perene deste tipo de propriedade no tecido histórico da zona oriental da cidade de Lisboa.

O nome Quinta das Teresinhas parece derivar das irmãs Teresa do Carmo e Doroteia Teresa, herdeiras de D. Teresa Eleutéria Joana de S. José, que lhes deixou os seus bens em testamento no ano de 1838. A casa principal era descrita como um edifício de planta baixa com elementos decorativos típicos do século XVIII, como os painéis de azulejos que ornamentavam as salas, rodeada por diversas construções de apoio agrícola e doméstico: cavalariças, lagar, pocilga, poço, pátio, terraços e extensas vinhas, oliveiras e árvores de fruto. A entrada fazia-se por um portão que conduzia a um pátio, e o conjunto organizava-se numa lógica rural e senhorial, misturando habitação, lavoura e lazer. O seu valor residia tanto no conjunto edificado quanto na envolvência natural e na localização privilegiada com uma vista deslumbrante sobre o rio Tejo, a serra de Sintra e os campos circundantes.

Em 1840, a Quinta das Teresinhas foi adquirida por João Ricchini, que promoveu o seu restauro e introduziu diversos melhoramentos, transformando-a numa aprazível quinta de veraneio, sem, contudo, abdicar da sua vocação agrícola. A partir daí iniciou-se uma longa sucessão de transmissões de propriedade. Entre os vários proprietários, destacam-se figuras como António Teixeira Barbosa, José Joaquim de Azevedo e Almeida, José dos Santos Ferrão, Carlos Empis e Gaudêncio da Cunha — nomes que refletem os interesses e percursos de engenheiros, comerciantes, industriais e personalidades proeminentes da sociedade lisboeta.

Ao longo de mais de um século, a Quinta foi alvo de múltiplas intervenções e adaptações, orientadas tanto para a valorização do espaço como para a preservação do seu carácter senhorial. A década de 1930 revelou-se particularmente significativa neste percurso. Sob a ação de Carlos Empis,

ergueu-se o torreão da casa principal, novo marco na silhueta da propriedade, instalaram-se um motor elétrico e um pára-raios, claros sinais de progresso. Nesse mesmo período foi criado um jardim de buxo recortado, que integrava uma janela gradeada em cantaria e um pequeno miradouro, de onde se avistava uma nova paisagem urbana em construção. Já na década de 1940, a intervenção de Gaudêncio da Cunha trouxe consigo novas expressões de modernidade, nomeadamente a ligação ao abastecimento de água canalizada. Paralelamente, o calcetamento da Azinhaga das Teresinhas veio melhorar significativamente o acesso à propriedade, reforçando a sua articulação com o tecido urbano em acelerada transformação.

A partir do final da década de 1930, no âmbito do ambicioso plano de expansão oriental da cidade de Lisboa, concebido por Duarte Pacheco, muitas das quintas vizinhas foram progressivamente

expropriadas, antecipando o futuro Plano de Urbanização de Chelas. Foi neste cenário de transformação que, em novembro de 1948, Frederico César de Valsassina adquiriu a Quinta das Teresinhas a Gaudêncio da Cunha, com a intenção de aí fundar o futuro Colégio Valsassina. Descrevia-a como “um mirante sobre a cidade e seus arredores, numa das mais higiénicas e pitorescas regiões de Lisboa moderna”. Apesar dos sinais de desgaste, do abandono gradual da produção agrícola e dos efeitos inevitáveis do tempo, a quinta preservava grande parte do seu traçado original e do carácter senhorial que sempre a distinguiu. Após mais de dois séculos de sucessivas reinvenções, encontrava, enfim, uma nova vocação: tornar-se lugar de aprendizagem e de futuro.

Ao longo da década de 1950, a Quinta das Teresinhas passou a acolher gradualmente as instalações do colégio, inaugurando uma nova fase da sua história. A paisagem agrícola foi sendo

adaptada às necessidades pedagógicas, preservando-se, no entanto, a relação íntima com a natureza como parte integrante da proposta educativa. Os seus espaços verdes e zonas de sombra tornaram-se extensões da sala de aula, oferecendo oportunidades únicas de contacto com o meio natural, de aprendizagem ativa e de desenvolvimento sensorial e emocional.

Atualmente, a Quinta das Teresinhas constitui um exemplo singular de continuidade e reinvenção: preservando elementos da antiga ruralidade lisboeta, transformou-se num espaço educativo contemporâneo, onde a pedagogia encontra suporte no território e na paisagem. Mais do que um simples recreio escolar, a sua vivência quotidiana aproxima-se da ideia de um parque pedagógico — um lugar onde coexistem plantas e aves, mas também saberes, valores e práticas que promovem uma relação mais consciente, afetiva e sustentável com o mundo.



Quintas das Teresinhas em 1948

Mapa da Quinta das Teresinhas

Legenda

- 1 – Bloco A / Refeitório e Casa-Mãe
- 2 – Bloco B / Casa dos Diretores
- 3 – Bloco C / Infantil de Cima e Ginásio
- 4 – Bloco D / Infantil de Baixo
- 5 – Bloco E / 1.º Ciclo
- 6 – Bloco F / 2.º e 3.º Ciclo
- 7 – Bloco G / 3.º Ciclo e Ensino Secundário
- 8 – Bloco H
- 9 – Bar
- 10 – Campos desportivos
- 11 – Terreiro dos eucaliptos
- 12 – Jardim dos Diretores
- 13 – Horta
- 14 – Praça de Entrada



Explore aqui o mapa
interativo da Quinta



A importância dos espaços verdes no combate às alterações climáticas nas cidades

António Lopes Professor Associado do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território (IGOT) – Universidade de Lisboa. Investigador do grupo de investigação Alterações Climáticas e Sistemas Ambientais – Zephyrus (Centro de Estudos Geográficos e Laboratório Associado Terra)

Os espaços verdes e outras estruturas verdes, sobretudo as árvores, desempenham um papel fundamental na mitigação dos efeitos das alterações climáticas em ambientes urbanos. De entre as muitas espécies que podemos encontrar em Lisboa – Soares (2021) identificou 779 espécies diferentes em 64 jardins de Lisboa – destaca-se o *Celtis australis*, conhecido como Lódão-bastardo, uma das árvores mais frequentes nas ruas e jardins da cidade. Esta árvore é excelente para exemplificar as funções ecológicas que regulam o clima das cidades. Podemos depois multiplicar este efeito por milhares de indivíduos desta,

e outras espécies, para conhecer o seu potencial de arrefecimento nas cidades.

Com uma altura média entre 25 e 30 metros, o Lódão-bastardo é natural do sul da Europa, pertence à família *Ulmaceae*, e é típico de zonas ripícolas, locais adjacentes a linhas de água, como margens de rios e ribeiras. O termo “ripícola” deriva do latim *ripa* (margem) e *colĕre* (habitar). Uma das funções ecológicas mais relevantes desta árvore é a sua capacidade de sequestro de carbono. Estima-se que um indivíduo com um perímetro à altura do peito (PAP) de 70 centímetros pode sequestrar, ao longo

de 20 anos, cerca de 76 kg de carbono, o equivalente a 280 kg de dióxido de carbono (CO₂). Esta quantidade representa a remoção de emissões comparáveis às geradas por mais de 1100 km percorridos por um veículo movido a combustíveis fósseis (itree, 2023). Além do sequestro de carbono, o Lódão-bastardo oferece outros serviços ecossistémicos importantes: contribui significativamente para a retenção de milhares de litros de água da chuva ao longo da sua vida e tem a capacidade de filtrar diversos poluentes atmosféricos, como o ozono que se forma na troposfera, o dióxido de azoto (NO₂) e partículas finas (PM2.5). Estas, com diâmetros inferiores a 2,5 µm, são altamente prejudiciais à saúde humana, dada a sua penetração profunda nos pulmões.

Outro benefício essencial proporcionado pelas árvores em ambiente urbano é o seu potencial de arrefecimento da camada limite atmosférica urbana, sobretudo a inferior, que é aquela abaixo do nível dos telhados. A presença de vegetação arbórea contribui para a atenuação do efeito de ilha de calor, fenómeno comum em zonas densamente construídas, onde a absorção da energia durante o dia e sua posterior libertação para as ruas durante a noite elevam significativamente a temperatura local. Em Lisboa, por exemplo, a diferença

térmica entre o centro da cidade e as áreas periurbanas pode atingir 3°C (Lopes *et al.*, 2013), sendo ainda mais acentuada em cidades como Nova Iorque ou Chicago, onde essa diferença pode chegar a 10°C.

O arrefecimento proporcionado pelas árvores ocorre através de dois mecanismos principais: redução da radiação solar direta, com a consequente produção de sombra, e a evapotranspiração, processo pelo qual as árvores libertam vapor de água, retirando energia térmica do ambiente. Alguns estudos apontam que espécies como as tílias (*Tilia spp.*) podem reduzir a temperatura do ar até 3,5°C no verão (Rahman *et al.*, 2017; Silva *et al.*, 2025). Já a *Tipuana tipu*, presente em algumas avenidas de Lisboa, pode diminuir a temperatura fisiológica equivalente (PET) entre 12 e 15°C, aliviando significativamente o stress térmico humano (Nouri *et al.*, 2018).

Estes benefícios evidenciam a importância de integrar as árvores nas políticas de planeamento urbano como soluções baseadas na natureza. Além de contribuírem para a biodiversidade e o bem-estar humano, representam uma estratégia eficaz e sustentável no combate às alterações climáticas, devendo ser uma prioridade nas agendas ambientais dos governos das cidades.

Enquadramento geológico da Quinta das Teresinhas

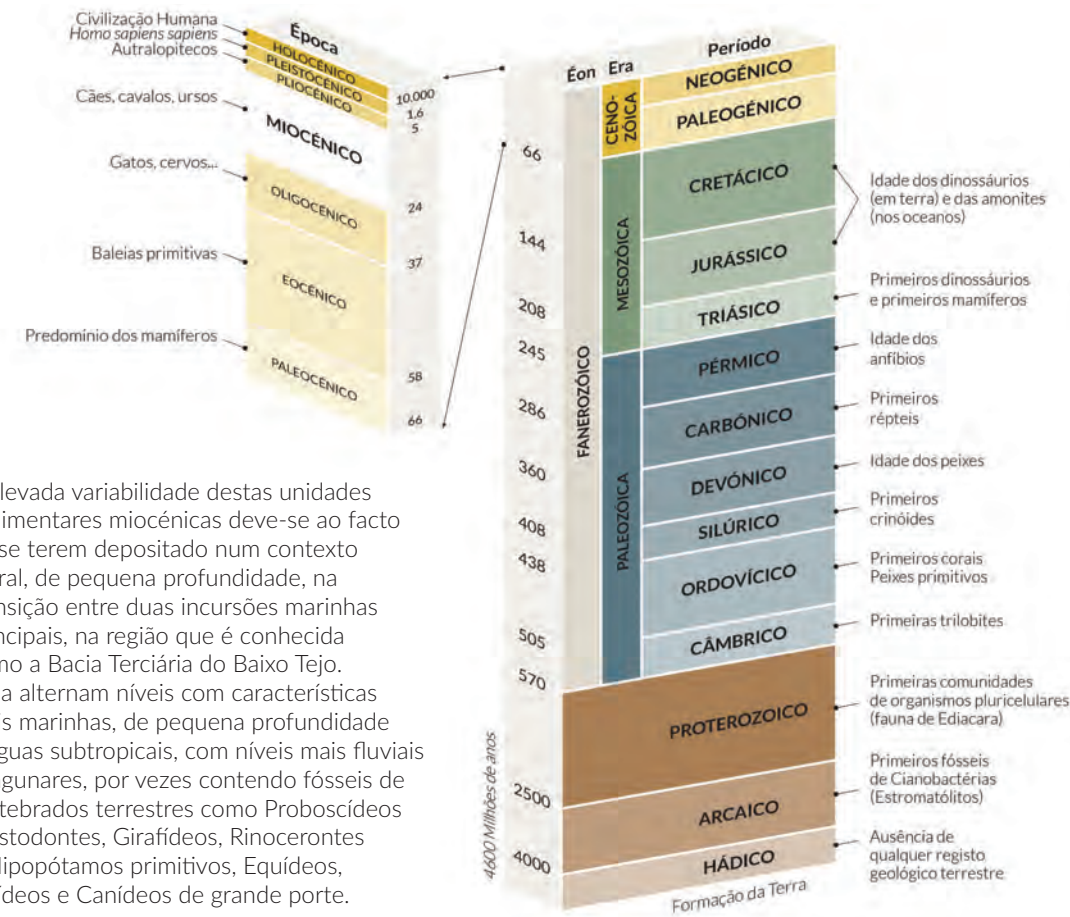
Mário Cachão Geólogo e Palentólogo. Professor no Departamento de Geologia da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Investigador do Instituto Dom Luiz (Universidade de Lisboa)

O Colégio Valsassina assenta em rochas sedimentares, essencialmente detríticas, fossilíferas, de idades miocénicas, mais concretamente entre o Miocénico Inferior (Andar Burdigaliano) e o Miocénico Médio (Andares Langhiano a Serravaliano), com uma datação em torno dos 16 a 15 milhões de anos.

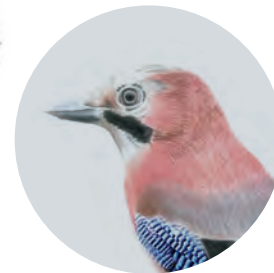
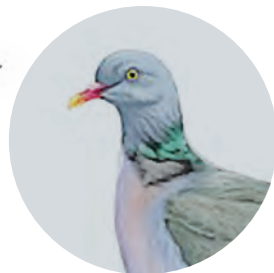
Os sedimentos variam de areias silto-argilosas, mais ou menos consolidadas, a níveis mais concrecionados (biocalcarenítos) ricos em fósseis, sobretudo de moluscos bivalves e gastrópodes, embora possam ocorrer, igualmente, equinodermes (ouriços-do-mar), dentes de tubarões

de águas quentes e ossos de mamíferos marinhos herbívoros como os Sirénios.

Estas unidades miocénicas inclinam ligeiramente para o Quadrante E (Este) a SE (Sudeste), formando uma costeira sobrelevada e alongada segundo WNW (oés-noroeste) e ESSE (és-sudeste), acompanhando níveis mais coesos e cimentados, conhecidos como “Calcários da Musgueira” e “Calcários da Quinta das Conchas”, os quais são mais resistentes à erosão que os níveis de “Areias com Placuna miocenica” e “Areias de Vale de Chelas”, que dão origem aos vales escavados que enquadram o colégio, a Oeste e a Leste, respetivamente.



A elevada variabilidade destas unidades sedimentares miocénicas deve-se ao facto de se terem depositado num contexto litoral, de pequena profundidade, na transição entre duas incursões marinhas principais, na região que é conhecida como a Bacia Terciária do Baixo Tejo. Nela alternam níveis com características mais marinhas, de pequena profundidade e águas subtropicais, com níveis mais fluviais e lagunares, por vezes contendo fósseis de vertebrados terrestres como Proboscídeos Mastodontes, Girafídeos, Rinocerontes e Hipopótamos primitivos, Equídeos, Felídeos e Canídeos de grande porte.



Os/as alunos/as do curso de Artes Visuais do Ensino Secundário desenvolveram, na disciplina de Desenho A, um projeto de ilustração científica: estudaram e representaram diferentes espécies de aves existentes no espaço-Quinta do Valsassina.

O objetivo principal foi exercitar a observação detalhada, aplicando técnicas de desenho que permitissem

reproduzir com precisão as características morfológicas de cada exemplar. No conjunto das ilustrações, foram explorados materiais como grafites, lápis de cor, aguarelas e marcadores.

O trabalho evidencia a integração entre Arte e Ciência, reforçando a relevância do desenho como ferramenta de investigação e comunicação.

Falco tinnunculus

Peneireiro-vulgar



Ouve aqui
a vocalização
da ave

O peneireiro-vulgar é um falcão de tamanho médio (até 38 centímetros de comprimento), que está entre as aves de rapina mais pequenas que existem. Possui asas pontiagudas e tem o hábito de parar em voo enquanto procura presas durante a caça (peneirar). É uma espécie que apresenta um evidente dimorfismo sexual. A cabeça, no macho, é cinzento-azulada lisa com uma pequena risca preta a formar um bigode, enquanto a da fêmea é castanha e listrada de preto. Tanto o macho como a fêmea têm o dorso cor-de-tijolo e pintalgado de preto, em particular a fêmea, mas o peito da fêmea é marcadamente listrado de preto enquanto o do macho é quase liso. A cauda é comprida e quadrada, sendo lisa e cinzenta-azulada no macho, com uma banda subterminal negra, enquanto a da fêmea é castanha com várias barras pretas. As garras são dotadas de unhas negras e o bico é curto e forte. As crias apresentam uma plumagem muito semelhante à das fêmeas, sendo, normalmente, mais listradas. A fêmea é maior do que o macho.

Com um estatuto de conservação pouco preocupante, é uma espécie comum em Portugal Continental, mais abundante em zonas agrícolas e nas imediações de aglomerados urbanos. O peneireiro-vulgar é uma ave residente, pelo que se observa durante todo o ano. Está entre os falcões mais comuns na Europa e em ambientes urbanos, mesmo em grandes cidades. Habita em terrenos cultivados, parques, charnecas, regiões costeiras, pântanos e centros de cidades.

São indivíduos solitários, formando pares apenas na época de reprodução, que podem durar toda a vida. Nidificam geralmente em ninhos abandonados por outras espécies, mas também podem construir o ninho em prédios e árvores. A postura é de três a seis ovos brancos sarapintados de castanho, que são incubados pela fêmea durante cerca de 28 dias. As crias são alimentadas pelos dois progenitores, estando aptas a voar após 28 dias da eclosão.



O peneireiro-vulgar é uma ave diurna e carnívora, que se alimenta principalmente de pequenos mamíferos e aves. Quando deteta uma presa, mergulha a pique até ao solo, pousando-lhe em cima e apertando-a com as patas. Também pode caçar a partir do solo quando procura pequenos mamíferos e insetos.

Reino Animal
Filo Chordata
Classe Aves

Ordem
Falconiformes
Família Falconidae

Género Falco
Espécie
Falco tinnunculus



Ouve aqui
a vocalização
da ave

O gaio-comum é uma espécie bastante discreta, que se denuncia quando se encontra em situações de risco pois emite gritos roucos de alerta. Durante os seus voos rápidos, salta à vista a mancha azul, preta e branca listrada nas asas, bem como o uropígio (base da cauda) branco e as manchas brancas na parte interna e externa das asas.

É um pássaro relativamente grande, com cerca de 35 centímetros de comprimento. O dorso apresenta uma tonalidade acastanhada e o peito e o abdômen são de um tom castanho-rosado. Apresenta uma “coroa” branca e preta malhada que por vezes ergue e um bigode preto. Tal como as outras aves da família dos corvos, tem um bico preto, curto e forte, e as patas são castanho-claras. A cauda é preta e quadrada.

Com um estatuto de conservação pouco preocupante, o gaio encontra-se bem distribuído de norte a sul do território

português, sendo mais abundante na metade norte e no extremo sul. Frequenta sobretudo zonas florestais, mas também pode ser visto em meio urbano, desde que existam árvores grandes. Pode ser observado durante todo o ano, pois é uma espécie residente. Habita em florestas, sebes, charnecas e jardins.

Os indivíduos são solitários exceto na época de reprodução, em que se juntam em grupos, formando casais monogâmicos. Nidificam na primavera em bifurcações dos ramos de árvores ocultas pela folhagem. O ninho tem forma de taça e é constituído sobretudo por folhas, musgos, ervas e pequenos galhos. Em abril, a fêmea começa a postura de cinco a sete ovos verde-claros com manchas castanhas e, de seguida, procede à sua incubação por um período de cerca de 17 dias. Após o nascimento das crias, os progenitores alimentam-nas por um período de 20 dias e depois estão prontas para abandonar o ninho.

O gaio-comum é uma ave omnívora, sendo a sua dieta constituída por frutos, sementes, invertebrados, ovos e crias de outras aves, entre outros.

São animais oportunistas, alimentam-se de tudo o que conseguem encontrar. Exibem um comportamento chamado *anting* que lhes permite remover o ácido fórmico das formigas, que utilizam como antiparasitário. Têm também a capacidade de imitar outras aves e animais, incluindo alguns dos seus predadores.

Garrulus significa “tagarela” ou “ruidoso” e *glandarius* “capaz de recolher bolotas”, muitas das quais são enterradas e esquecidas, acabando por germinar, contribuindo assim para a reflorestação dos nossos bosques e florestas. Um gaio apenas pode esconder entre 4500 e 11000 bolotas e lembrar-se dos locais até dez meses mais tarde.



Reino Animal
Filo Chordata
Classe Aves

Ordem Passeriformes
Família Corvidae
Género Garrulus

Espécie
Garrulus glandarius

Sylvia atricapilla

Toutinegra-de-barrete-preto



Ouve aqui
a vocalização
da ave

A Toutinegra-de-barrete-preto é um pequeno pássaro com cerca de 14 centímetros de comprimento, de tons castanho-acinzentados, mais claro no ventre (branco-acinzentado), com um barrete perfeitamente demarcado no alto da cabeça, logo acima dos olhos. Nos machos adultos, o barrete é completamente preto, ao passo que nas fêmeas e nas aves jovens é cor-de-tijolo. O bico é curto e castanho-escuro ou preto, e as patas são pretas. A cauda é cinzenta e chanfrada. Emitem vários tipos de vocalizações. O canto do macho é muito melodioso, bastante variado e vigoroso, e pode ouvir-se praticamente todo o ano, sendo um dos sons mais característicos dos parques e dos jardins urbanos.

As populações nidificantes em Portugal deverão ser predominantemente sedentárias. No outono surgem enormes contingentes de aves migradoras, na generalidade provenientes da Europa Central e da Ocidental. Uma parte destas aves encontra-se meramente de passagem, a outra permanece em

Portugal durante o inverno, regressando às áreas de nidificação no início da primavera. São essencialmente arborícolas, podendo igualmente frequentar zonas com arbustos bem desenvolvidos.

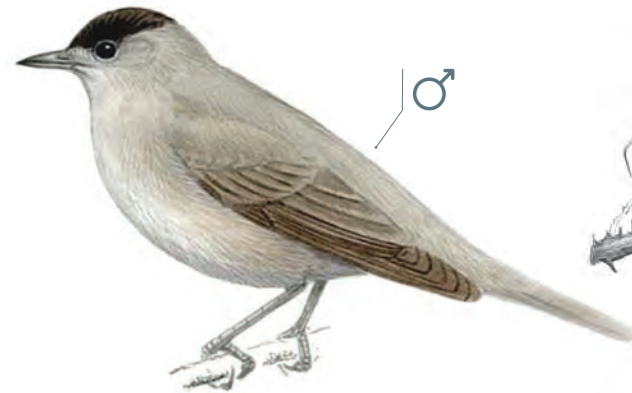
Com um estatuto de conservação pouco preocupante, esta ave é socialmente monogâmica e solitária. Os machos são territoriais e os adultos geralmente regressam às áreas de criação dos anos anteriores. O ninho, com a forma de uma pequena taça, é geralmente construído num sítio bem escondido, como um silvado, em arbustos ou mesmo nos ramos baixos de uma árvore. A postura normalmente contém quatro a seis ovos brancos com manchas avermelhadas. A incubação tem uma duração de 13 a 14 dias. Depois da eclosão, as crias permanecem ainda, em média, cerca de 13 dias no ninho. Na primavera-verão, é uma ave tipicamente insetívora, alimentando-se de uma diversificada gama de pequenos invertebrados. Fora da época reprodutora, embora continue a ingerir invertebrados,



♀

alimenta-se de bagas e pequenos frutos carnudos como os do zambujeiro (ou oliveira-brava), e, muitas vezes, de néctar (sendo nectarívoras), apresentando, assim, um notável espectro alimentar.

Devido ao seu canto rico e variado, a toutinegra-de-barrete-preto foi por várias vezes representada na literatura, em filmes e na música.



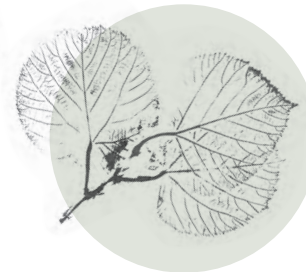
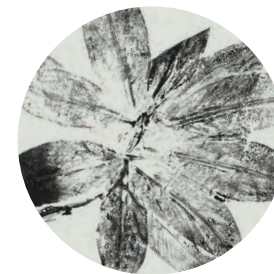
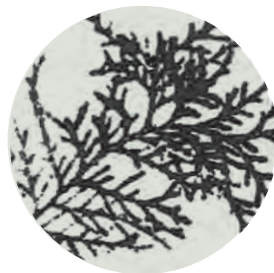
♂



Espécie
Sylvia atricapilla

Ordem Passeriformes
Família Sylviidae
Género Sylvia

Reino Animal
Filo Chordata
Classe Aves



O processo de construção das imagens iniciou-se com a recolha de folhas, caules e flores, que serviram como matrizes naturais para a experimentação gráfica.

Através da aplicação de tintas e posterior prensagem em papel, obtiveram-se impressões que revelam tanto os contornos delicados como os detalhes das superfícies vegetais,

criando registos visuais que valorizam a singularidade de cada planta. A utilização da prensa de gravura deu aos trabalhos uma dimensão técnica e expressiva.

No conjunto, as impressões constituem não apenas um exercício de experimentação artística, mas também uma forma de documentação criativa do património natural do espaço – Quinta.

Acer pseudoplatanus

Bordo, Falso-plátano, Padreiro, Plátano-bastardo, Zêlha



O bordo (*Acer pseudoplatanus* L.), conhecido por nomes comuns como falso-plátano, padreiro ou zêlha, é uma árvore de médio a grande porte que se destaca pela sua imponência e versatilidade ecológica. Pertencente à família *Sapindaceae*, pode atingir até 30 metros de altura, com um tronco robusto e direito, cuja casca rugosa e fissurada se desprende em placas, revelando manchas claras que conferem à árvore adulta um aspeto distintivo e facilmente reconhecível.

A copa é ampla e arredondada, e contribuindo para a estrutura vertical de ecossistemas temperados. As folhas são caducas, opostas e palmadas, geralmente com cinco lóbulos pontiagudos e margens serrilhadas. Medem entre 10 e 15 centímetros e estão ligadas aos ramos por pecíolos longos, o que lhes confere uma silhueta elegante e funcional, especialmente durante os meses de crescimento ativo.

A floração ocorre no início da primavera, com flores pequenas, esverdeadas a amareladas, agrupadas em inflorescências axilares. Trata-se de uma espécie monóica, com flores masculinas e femininas presentes na mesma planta. A polinização é predominantemente anemófila, ou seja, realizada pelo vento, o que favorece a dispersão eficiente do pólen em ambientes abertos. Os frutos são sâmaras duplas, com asas largas que giram como hélices ao cair, facilitando a dispersão anemocórica das sementes e promovendo a colonização de novos habitats.

Do ponto de vista ecológico, o bordo revela uma notável plasticidade. Embora prefira solos frescos, profundos e bem drenados, é capaz de tolerar uma ampla gama de condições edáficas, incluindo ambientes urbanos com solos compactados e níveis moderados de poluição atmosférica. No entanto, não prospera em altitudes superiores a 1800 metros nem em solos excessivamente secos ou salinos.

A sua distribuição natural estende-se desde França até à Ucrânia, incluindo zonas montanhosas de Itália e da Península Ibérica. Em Portugal, é utilizado em projetos de reflorestação e como espécie ornamental em espaços públicos. Noutras regiões da Europa, como nas Ilhas Britânicas, foi introduzido e naturalizou-se com sucesso, embora em alguns locais apresente comportamento invasivo, competindo com espécies nativas.

A madeira do bordo é valorizada pela sua cor clara, dureza e resistência, sendo amplamente utilizada na produção de mobiliário, painéis decorativos, instrumentos musicais e trabalhos de marcenaria fina. Tradicionalmente, folhas, frutos e casca foram empregues na medicina popular para tratar inflamações, feridas e distúrbios digestivos, embora a evidência científica que sustente esses usos seja limitada.

Apesar da sua robustez, a espécie pode ser afetada por pragas como o ácaro *Aceria pseudoplatani*, que provoca deformações foliares e manchas que comprometem a capacidade fotossintética. Também está sujeita a doenças fúngicas, particularmente em solos encharcados ou mal drenados, que podem afetar as raízes e os ramos.

Ecologicamente, o bordo desempenha um papel relevante na estrutura e funcionamento dos ecossistemas temperados. As suas folhas e flores atraem uma diversidade de insetos polinizadores, enquanto a copa serve de abrigo e local de nidificação para aves e pequenos mamíferos. É, por isso, uma espécie emblemática da paisagem europeia, combinando valor ornamental, funcionalidade ecológica e interesse económico.



Reino Plantae
Divisão Spermatophyta
Sub-divisão Magnoliophytina

Classe Magnoliopsida
Sub-classe Rosidae
Ordem Sapindales

Família Sapindaceae
Género Acer
Espécie Acer
pseudoplatanus

Cistus albidus

Roselha-grande, Roselha ou Roselha-maior



Pertencente à família *Cistaceae*, a roselha-grande é um arbusto que pode atingir até 1,5 metros de altura, sendo um caméfito no que diz respeito à sua forma de vida. As suas folhas são elípticas, medindo entre 2 a 5 centímetros de comprimento e 0,5 a 2 centímetros de largura. Apresentam três nervuras bem visíveis e estão cobertas por uma densa pubescência de pelos curtos, que lhes confere uma tonalidade branco-acinzentada.

As flores, de cor rosa a roxa, surgem em cúmes e têm entre 4 e 6 centímetros de diâmetro. Cada flor é composta por cinco pétalas e cinco sépalas. Uma única planta pode produzir entre uma e sete flores, geralmente entre abril e junho.

A reprodução da roselha-maior é sexuada e ocorre por polinização entomófila, sendo realizada por insetos como abelhas. A planta é monoica, o que significa que

apresenta flores masculinas e femininas no mesmo indivíduo, permitindo a autossuficiência reprodutiva. Após a polinização, as sementes são formadas e dispersas pelo vento ou pelos animais, garantindo a continuidade da espécie.

A roselha-grande desenvolve-se maioritariamente em solos quentes, preferindo terrenos calcários ou arenosos. É comum em matos e matagais, especialmente nas regiões costeiras do Centro e Sul de Portugal, até cerca de 180 quilómetros da linha da costa. A planta é resistente à seca e ao calor, crescendo geralmente até aos 300 metros de altitude. Pode ser parasitada pelo *Cytinus ruber* e outras espécies parasitas, mas a sua resiliência e capacidade de regeneração tornam-na uma excelente opção para recuperação de solos degradados e para fins ornamentais.



Reino Plantae
Divisão Spermatophyta
Sub-divisão Magnoliophytina

Classe Magnoliopsida
Sub-classe Malvidae
Ordem Malvales

Família Cistaceae
Género Cistus
Espécie Cistus albidus



Da família *Oleaceae*, a oliveira é uma árvore de pequeno porte, com um tronco grosso, irregular e acinzentado que vai retorcendo com o avanço da idade. Tem uma copa ampla, arredondada e atinge geralmente dos 6 aos 9 metros de altura, raramente ultrapassando 10 metros. É perenifólia, e as suas folhas podem medir até 7 centímetros, apresentando uma forma simples e estando dispostas nas extremidades dos galhos, tendo uma cor verde-acinzentada na face superior e prateada na face inferior, o que confere ao conjunto da folhagem um aspeto azulado. As flores são pequenas, e organizam-se em panículas axilares. O fruto é a azeitona, uma drupa oval com polpa carnosa, da qual se extrai o azeite.

É uma árvore com reprodução sexuada. As suas flores são hermafroditas e florescem entre maio e junho. A polinização é predominantemente anemófila.

Desenvolve-se melhor em solos drenados, profundos e férteis, sendo resistente a condições de seca e solos pobres. Não suporta altitudes muito elevadas (até 800 metros), mas adapta-se bem a climas

quentes e áridos. Está adaptada à região do Mediterrâneo, ao sudoeste da Ásia e ao Norte de África, sendo amplamente cultivada em climas subtropicais e temperados. Tem resistência ao frio moderado, podendo suportar geadas leves, mas não prospera em regiões com invernos rigorosos.

A longevidade extraordinária das oliveiras é amplamente reconhecida, podendo viver por vários séculos, algumas atingindo até 2500 anos de idade. Também possuem uma notável capacidade de regeneração, mesmo após danos severos.

O nome específico da oliveira (*Olea europaea*) deriva do grego *elaía*, que dá origem ao seu nome comum, e de *élaion*, que significa azeite.

A oliveira é fundamentalmente cultivada para extração do azeite dos seus frutos. Este produto é especialmente importante na alimentação das populações mediterrânicas.

O azeite virgem (o primeiro a ser extraído), além de muito apreciado na alimentação, é aplicado medicinalmente

como medicamento, pelas suas propriedades colagogas e laxantes. É ainda largamente utilizado na indústria de cosméticos e sabões.

As folhas são aplicadas medicinalmente na diminuição da pressão sanguínea, propriedade que parece dever-se a um heterósido amargo, a oleuropeína. Apresentam ainda propriedades hipoglicemiantes, e foram historicamente usadas como tónico e febrífugo.

A oliveira é ainda muito apreciada como planta ornamental. A sua madeira é muito dura e compacta, de textura fina e de grande densidade, apresentando desta forma qualidades muito apreciadas. É também usada como lenha de alta qualidade.

Simbolicamente, os ramos de oliveira representam a paz. Na Antiguidade, a planta tinha enorme valor cultural e religioso, estando associada aos Jogos Olímpicos, nos quais os vencedores eram coroados com ramos de oliveira. O azeite extraído era também utilizado em cerimónias religiosas.



Pistacia lentiscus

Aroeira, Lentisco, Lentisco-verdadeiro, Moita-do-dro, Darmacho, Alfostigueiro, Árvore-do-mástique, Almecegueiro, Almecegueira, Daro, Daroeira, Lentisqueira



Pistacia lentiscus L., popularmente conhecida como aroeira, lentisco ou lentisco-verdadeiro, é um arbusto resinoso e aromático, de crescimento lento, pertencente à família *Anacardiaceae*. Normalmente atinge entre 1 e 5 metros de altura, podendo, em alguns casos, desenvolver-se como uma pequena árvore de 6 a 8 metros. A sua folhagem é persistente, densa e bastante ramificada, com tronco de casca lisa e acinzentada. As folhas são compostas, paripenadas, sem folíolo terminal e com pecíolo geralmente avermelhado — tonalidade que tende a intensificar-se nos meses mais frios. As flores, pequenas e unissexuais, aparecem em plantas separadas, já que a espécie é dioica, e a floração ocorre principalmente de março a maio. Os frutos são drupas arredondadas, carnosas, com uma única semente, que mudam de cor ao longo do amadurecimento: verdes no início, depois vermelhas e, por fim, negras. A polinização acontece sobretudo pelo vento (anemófila), embora insetos também possam ter algum papel.

Trata-se de uma espécie típica do bioma mediterrânico, presente em toda a bacia do Mediterrâneo, incluindo Madeira e Canárias. Em Portugal é autóctone, aparecendo com maior frequência no centro e sul do país. Desenvolve-se de preferência em solos secos, pobres em nutrientes e muitas vezes calcários, embora se adapte bem a diferentes substratos. É uma planta heliófila, mas tolera alguma sombra, ocorrendo em matagais, carrascais, azinhais e outros bosques mediterrânicos, geralmente até os 600 metros de altitude. Sendo uma espécie termófila, não resiste bem ao frio intenso, mas suporta geadas leves e breves períodos de temperaturas negativas. Mostra grande resistência à seca e ao calor, adaptando-se igualmente a ambientes costeiros.

Além do seu valor ecológico, tem importância histórica e cultural relevante. Do tronco extrai-se uma resina aromática chamada mástique, utilizada desde a Antiguidade na medicina tradicional, na conservação de alimentos e na produção

de perfumes, vernizes e adesivos. Ainda hoje, essa resina possui relevância económica em regiões do Mediterrâneo oriental, como a ilha de Quios, na Grécia. A madeira do lentisco é dura e de boa qualidade, embora o porte reduzido limite o seu uso em marcenaria. Na jardinagem mediterrânica, a espécie é muito apreciada pela sua rusticidade, baixa exigência de manutenção e resistência à seca, sendo amplamente utilizada em sebes e projetos ornamentais.



Reino Plantae

Divisão Spermatophyta

Sub-divisão Magnoliophytina

Classe Magnoliopsida

Sub-classe Rosidae

Ordem Sapindales

Família Anacardiaceae

Género Pistacia

Espécie Pistacia lentiscus

Jardim de Palavras

Escrita Criativa



Os/as alunos/as do 3º Ciclo e do Ensino Secundário (2024/2025) foram convidados a participar num desafio de escrita criativa: brincar com as palavras, a partir de poemas que falam da natureza, das plantas e das aves. Autores como Sophia de Mello Breyner, António Ramos Rosa, Nuno Júdice, Ruy Belo e Miguel Torga.

Partiram de frases inspiradoras que evocam o cenário natural e os seus elementos para criar um momento que deu origem a mensagens de amizade, de dúvida e de descoberta, numa breve jornada de reflexão pessoal, única, que se ofereceu como oportunidade de dar "asas à imaginação".



Por sua vez, os/as alunos/as do 4º C (2024/2025) participaram numa oficina de escrita criativa com o escritor Ondjaki.

Após uma pesquisa sobre as plantas e as aves existentes no Colégio, escreveram cartas ao Sol na primeira pessoa. Como se

fossem plantas, os/as alunos/as manifestaram as suas preocupações com a Natureza, expressaram sentimentos e narraram experiências que aqui ficaram registadas.

Um dia disseram-me que eu era uma árvore

Sofia Álvarez 12.º 1B (2024/2025)

Um dia disseram-me que eu era uma árvore, alta, imóvel e indefesa. Presa por milhares de raízes, no mesmo sítio, para sempre, a ver os dias passar por mim, monótonos e repetitivos. O sol nasce e todos passam por mim, mas ninguém repara nem pára, seguem caminho sem pensar nunca em mim. Depois o sol põe-se, começa a escuridão e tudo se volta a repetir.

Com este ritmo incessante e desolador, passam meses, estações, anos, torno-me vítima do tempo, indefesa quando o outono e o inverno me tiram as folhas e a primavera as devolve, sabendo que as perderei novamente, um ciclo que nunca parece terminar.

Cada vez mais perco a vontade, sinto que me perco na natureza, entro no cenário. Quase ninguém distingue uma árvore das outras e, agora, já nem eu me distingo das outras, deixo-me levar pela melodia do vento que me embala e aceito que a natureza tem as suas regras, os seus ciclos. Aceito o destino que foi escolhido para mim.

Serei verdadeiramente uma árvore ou sinto-me somente como uma? Só uma árvore pode ser tão imóvel, observadora e indefesa. Só uma árvore se deixa passar pelo tempo como eu deixo, mudada mas inalterada no fim.

Nesta quinta aprendi a voar

Maria Ana Carvalho 10.º 1A (2024/2025)



Nesta quinta aprendi a voar, aprendi que o som da diferença atribui à vida algo especial. Vejo isto nas aves: todas tão diferentes, cada uma com um som invulgar. Ainda assim, eis-me aqui, deslumbrada com a harmonia doce, produzida por estas pequenas criaturas, cujo som ecoa por entre os troncos de cada árvore em meu redor.

As aves sempre me fascinaram: tão pequenas e indefesas mas tão livres... Muitas vezes me questionava se só um par de asas me traria liberdade... Afinal de contas, o céu é um lugar sem limites, um lugar onde sem medo se pode voar.



Mas então, por que razão ficam tantas aves diferentes em coexistência neste lugar?

A verdade é que as fronteiras que nos limitam são criadas por nós. Nós reduzimos a nossa existência a padrões e a formas próprias de pensar. As aves não. As aves vivem numa comunidade sem fronteiras onde o som de cada uma tem lugar para ser ouvido, onde, a partir de sons diferentes, não se criam guerras, mas criam-se harmonias. Voam entre si, sem medo.

Aqui nesta quinta aprendi algo que levo para a vida: não são precisas asas para poder voar.

Agora finalmente voo. Crio amizades e não fronteiras. Crio oportunidades e não medos. Foi nesta quinta que aprendi a voar. Aprendi a fazê-lo da melhor forma: sem medo e entre amigos.

As fronteiras só nós as criamos. Ninguém precisa de asas para conseguir voar.

Índice Remissivo

A

Acer pseudoplatanus, p. 48
Allium schoenoprasum, p. 50
Arbutus unedo, p. 52
Atriplex halimus, p. 54

B

Bauhinia variegata, p. 56
Bergenia crassifolia, p. 58
Betula celtiberica, p. 60
Bougainvillea glabra, p. 62
Brachychiton populneus, p. 64
Buxus sempervirens, p. 66

C

Casuarina cunninghamiana, p. 68
Cercis siliquastrum, p. 70
Cistus albidus, p. 72
Cistus monspeliensis, p. 74
Citrus limon, p. 76
Columba livia domestica, p. 18
Columba palumbus, p. 20
Crataegus monogyna, p. 78
Cupressus lusitanica, p. 80
Cupressus sempervirens, p. 82

E

Eriobotrya japonica, p. 84
Erithacus rubecula, p. 22

Eucalyptus globulus, p. 86
Euphorbia characias, p. 88

F

Falco tinnunculus, p. 24
Fraxinus angustifolia, p. 90
Fraxinus excelsior, p. 92

G

Garrulus glandarius, p. 26
Grevillea robusta, p. 94

I

Ilex aquifolium, p. 96
Iris albicans, p. 98
Iris x germanica, p. 100

J

Jacaranda mimosifolia, p. 102
Jasminum officinale, p. 104

L

Larus fuscus, p. 28
Larus michahellis, p. 30
Laurus nobilis, p. 106
Lavandula angustifolia, p. 108
Lavandula dentata var. candicans, p. 110

M

Magnolia grandiflora, p. 112

Malus domestica, p. 114
Morus alba, p. 116
Myoporum Laetum, p. 118
Myrtus communis, p. 120

N

Nerium oleander, p. 122

O

Olea europaea, p. 124

P

Parthenocissus quinquefolia, p. 126
Passer domesticus, p. 32
Pelargonium graveolens, p. 128
Phlomis fruticosa, p. 130
Phlomis purpurea, p. 132
Phoenix canariensis, p. 134
Phylloscopus collybita, p. 34
Pinus pinaster, p. 136
Pinus pinea, p. 138
Pistacia lentiscus, p. 140
Platanus x hispanica, p. 142
Populus nigra, p. 144
Prunus avium, p. 146
Prunus cerasifera, p. 148
Psittacula krameri, p. 36
Punica Granatum, p. 150
Pyracantha coccinea, p. 152

Q

Quercus faginea, p. 154
Quercus suber, p. 156

R

Rhamnus alaternus, p. 158

S

Salvia microphylla, p. 160
Salvia rosmarinus, p. 162
Schinus molle, p. 164
Sorbus aucuparia, p. 166
Streptopelia decaocto, p. 38
Sylvia atricapilla, p. 40

T

Teucrium fruticans, p. 168
Tilia cordata, p. 170
Troglodytes troglodytes, p. 42
Tulbaghia violácea, p. 172
Turdus merula, p. 44

V

Viburnum tinus, p. 174
Vinca difformis, p. 176
Viola sylvestris, p. 178
Vitis vinifera, p. 180

W

Wisteria sinensis, p. 182

Autores

Alunos/as autores/as das fichas científicas

Afonso Ferreira	10.º 1B (2024/2025)	Erica Xia	10.º 1A (2024/2025)	Madalena Cunha	11.º 1A (2024/2025)	Rodrigo Pissarra	10.º 1A (2024/2025)
Afonso Nunes	11.º 1A (2024/2025)	Filipa Tojal	11.º 1A (2017/2018)	Madalena Leonardo	11.º 1A (2024/2025)	Rui Luís	10.º 1A (2024/2025)
Ámilah Anifo	11.º 1A (2024/2025)	Francisco Bailão	10.º 1A (2024/2025)	Mafalda David	10.º 1B (2024/2025)	Simão Pignatelli	11.º 1A (2024/2025)
Ana Luísa Machado	11.º 1A (2017/2018)	Francisco Pedro	11.º 1A (2017/2018)	Margarida Flora	10.º 1B (2024/2025)	Sofia Carvalho	11.º 1A (2024/2025)
André Yang	10.º 1A (2024/2025)	Francisca Fonseca	11.º 1A (2017/2018)	Maria Ana Carvalho	10.º 1A (2024/2025)	Sofia Fernandes	11.º 1A (2024/2025)
António Miguel	11.º 1A (2017/2018)	Giorgia Melro	10.º 1A (2024/2025)	Maria do Carmo Matias	10.º 1A (2024/2025)	Sofia Machado	11.º 1A (2024/2025)
Beatriz Almeida	10.º 1A (2024/2025)	Guilherme Medeiros	10.º 1A (2024/2025)	Maria Francisca Silva	10.º 1B (2024/2025)	Sofia Sá Costa	11.º 1A (2024/2025)
Beatriz Neves	10.º 1A (2024/2025)	Gustavo Ruão	11.º 1A (2024/2025)	Maria Francisca Varela	10.º 1A (2024/2025)	Teresa Raposeiro	10.º 1B (2024/2025)
Beatriz Roberto	10.º 1A (2024/2025)	Joana Adegas	11.º 1A (2017/2018)	Maria Inês Ribeiro	10.º 1A (2024/2025)	Tiago Fragoso	10.º 1A (2024/2025)
Benedita Rodrigues	10.º 1C (2024/2025)	João Maria Claudino	11.º 1A (2024/2025)	Maria Morgado	11.º 1A (2024/2025)	Tiago Rodrigues	11.º 1A (2024/2025)
Catarina Fernandes	10.º 1A (2024/2025)	João Neves	11.º 1A (2024/2025)	Maria Rita Lourenço	10.º 1C (2024/2025)	Tiago Silva	10.º 1A (2024/2025)
Catarina Nunes	11.º 1A (2017/2018)	João Pedro Sousa	10.º 1B (2024/2025)	Mariana Coelho	11.º 1A (2024/2025)	Tomás Folque	10.º 1A (2024/2025)
Concha Goulão	10.º 1C (2024/2025)	João Rodrigues	10.º 1A (2024/2025)	Mariana Gomes	10.º 1B (2024/2025)	Tomás Mateus	11.º 1A (2024/2025)
Constança Calado	10.º 1B (2024/2025)	João Santos	11.º 1A (2024/2025)	Mateus Silva	10.º 1A (2024/2025)	Valéria Ferreira	10.º 1A (2024/2025)
Constança Carvalho	10.º 1C (2024/2025)	João Silva	11.º 1A (2017/2018)	Matilde Pinto	10.º 1A (2024/2025)	Vasco Almeida	10.º 1B (2024/2025)
Constança Sá	11.º 1A (2024/2025)	Laura Mota	11.º 1A (2017/2018)	Miguel Henriques	11.º 1A (2017/2018)	Vasco Isidoro	11.º 1A (2024/2025)
Duarte Baltazar	10.º 1A (2024/2025)	Leonor Santana	11.º 1A (2024/2025)	Pedro Branco	10.º 1A (2024/2025)	Vasco Silvestre	10.º 1B (2024/2025)
Duarte Martins	11.º 1A (2017/2018)	Leonor Peres	10.º 1A (2024/2025)	Pedro Dias	10.º 1A (2024/2025)	Vitoria Reame	10.º 1A (2024/2025)
Duarte Mendes	10.º 1A (2024/2025)	Luana Cruz	11.º 1A (2024/2025)	Rafael Duarte	10.º 1A (2024/2025)	Zihao Li	10.º 1A (2024/2025)
Duarte Ramos	10.º 1B (2024/2025)	Lucas Drago	11.º 1A (2024/2025)	Rita Braz	11.º 1A (2024/2025)		
Duarte Saraiva Mendes	10.º 1B (2024/2025)	Madalena Aleluia	11.º 1A (2024/2025)	Rita Pereira	10.º 1A (2024/2025)		
Duarte Vila Maior	11.º 1A (2017/2018)	Madalena Araújo	10.º 1B (2024/2025)	Rodrigo Cunha	10.º 1B (2024/2025)		

Autores

Alunos/as autores/as das Ilustrações

Ana Rita Biscaia	10.º 4 (2017/2018)	Maria Inês Pereira	10.º 4 (2024/2025)
Beatriz Miranda	10.º 4 (2017/2018)	Mariana Neves	12.º 4 (2017/2018)
Francisca Henriques	10.º 4 (2024/2025)	Mariana Reis	10.º 4 (2017/2018)
Gonçalo Brito	10.º 4 (2017/2018)	Marta Louro	10.º 4 (2024/2025)
João Patraquim	12.º 4 (2017/2018)	Matilde Ramos	10.º 4 (2024/2025)
Leonor Costa	12.º 4 (2017/2018)	Rafaela Costa	10.º 4 (2024/2025)
Leonor Neves	10.º 4 (2024/2025)	Raquel Semião	10.º 4 (2017/2018)
Leonor Saraiva	12.º 4 (2017/2018)	Rodrigo Barrote	10.º 4 (2017/2018)
Mafalda Pinto	10.º 4 (2017/2018)	Sara Tribuna	12.º 4 (2017/2018)

Notas e observações...

Professores/as responsáveis pelo acompanhamento
e supervisão do trabalho dos/as alunos/as

Andreia Luz Professora de Biologia e Geologia
Carla Caldeira Professora titular 1.º Ciclo
Filipa Freitas Professora de Português
Joana Baião Professora de Português
João Gomes Professor de Biologia
Paula Santana Professora de Biologia e Geologia
Sofia Caranova Professora de Desenho

FICHA TÉCNICA

Colégio Valsassina

Diretor **João Gomes**

Direção Editorial **Marta Magalhães Silva, Filipa Freitas e João Gomes**

Design **Marta Magalhães Silva e Margarida Basto**

Coordenação das imagens/ilustrações (Aves e Plantas) **Sofia Caranova**

Edição das imagens **Margarida Basto**

Revisão dos textos (aves) **Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves**

Revisão dos textos (plantas) **César Garcia, Cristina Duarte e Raquel Barata**

Museu Nacional de História Natural e da Ciência da Universidade de Lisboa

Supervisão da atividade de escrita criativa **Filipa Freitas e Joana Baião**

Apoio científico (identificação das plantas) **João Junqueira**

Georreferenciação das plantas **João Dias**

Paginação e Impressão **idg · Imagem Digital Gráfica**

Propriedade **Colégio Valsassina**

Tiragem **200 exemplares**

Editor **Colégio Valsassina**

Edição **Janeiro 2026**

ISBN **978-989-35164-1-6**

Agradecemos aos professores e investigadores, **António Lopes e Mário Cachão**, e ao arquiteto **João Junqueira**, pela sua disponibilidade, generosidade e pelo contributo para este livro.



**COLÉGIO
VALSASSINA**